



FOTOJORNALISMO NA COMPÓS: análise comparativa dos artigos científicos apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação¹

Diogo Azoubel²

Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba - SP

RESUMO

O texto contempla uma análise comparativa entre os artigos científicos sobre fotojornalismo apresentados no Encontro Anual da Compós. Os métodos de abordagem dialética e de procedimento comparativo foram usados a fim de que se identificassem pontos de convergência e de tensão entre os textos analisados – selecionados a partir da busca por materiais que contenham entre as palavras-chave apresentadas o termo “fotojornalismo” no sítio da Associação. Dos nove textos identificados, oito foram usados como *corpus* de pesquisa diante da escolhas e dos recortes operados. Após análise dos dados, notamos não haver consenso entre os pesquisadores sobre o que viria a ser fotojornalismo. Isso indica que o referencial das pesquisas empreendidas tem sido alargado, o que culmina na ampliação das possibilidades de olhares e tratamentos científicos dispensados ao tema.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cultura; jornalismo; fotojornalismo; Compós.

1. INTRODUÇÃO

A ideia de fotojornalismo é amplamente trabalhada por diversos autores. No Brasil, as obra do brasileiro Boris Kossoy, docente da Escola de Comunicações e Artes da USP, do português Jorge Pedro Sousa, docente da Universidade Fernando Pessoa, e do semiólogo francês Roland Barthes (1915-1980)³ podem ser percebidas como alicerces para a produção de pesquisadores mais jovens que, em suas produções, tendem

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte

² Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – Mestrado. E-mail: diogoazoubel@gmail.com

³ Aqui, e para reflexões iniciais sobre a natureza da produção científica dos referidos autores, sugerimos a leitura das seguintes obras: KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**, São Paulo: Ateliê Editorial, 1999; KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001; KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia. O efêmero e o perpétuo**, São Paulo: Atelier Editorial, 2007; SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1994; SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis, Brasil: Editora Letras Contemporâneas e Argos/UNOESC, 2000; SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo. Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis, Brasil: Letras Contemporâneas, 2004; BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa : Edições 70, 1989; BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.



a enriquecer a reflexão sobre o assunto e potencializar a problematização acerca dos diversos aspectos e abordagens que envolvem tal prática.

A intenção neste artigo é, justamente, buscar o que vem sendo produzido e compartilhado sobre fotojornalismo em alguns dos mais relevantes eventos científicos da Comunicação e do Jornalismo no País. Trata-se, portanto, da primeira de três partes de um levantamento realizado no primeiro semestre de 2015 sobre como o fotojornalismo está sendo pensado nos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom); no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor); e no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

Essa última instância de debates constitui, aliás, a base de pesquisa para o texto que segue. Como metodologia de trabalho, e ancorados em Marconi e Lakatos, optamos pelo método de abordagem dialético - aquele em que se concebe o mundo como um conjunto de processos inacabados e no qual busca-se considerar a investigação científica como parte de um todo (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 83) – e de procedimento comparativo – no qual se promove comparações, partindo de dados concretos para conclusões de “elementos constantes, abstratos e gerais” (MARCONI; LAKATOS, 1991, p. 89). Para tanto, e como passo primeiro, visitamos a base de dados do sítio da Compós (www.compos.org.br/) em 19 de março de 2015, em especial a página da biblioteca virtual da Associação com a intenção de pesquisar o que fora produzido entre 2009 e 2014, portanto os últimos cinco anos de produção. Das duas décadas e meia de produção, entretanto, apenas os trabalhos apresentados de 2000 em diante estão disponíveis para consulta. Como recorte para escolha do que seria analisado aqui, decidimos trabalhar apenas com os artigos nos quais o termo “fotojornalismo” conste entre as palavras-chave apresentadas.

Entre as centenas de trabalhos possíveis, o número de produções que contemplaram o critério acima descrito caiu para nove resultados – dos quais apenas um terço é assinado por pesquisadoras⁴ –, conforme a tabela abaixo:

⁴ De acordo com o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do total de 190.755.799 habitantes no Brasil, 51% são mulheres e 49% são homens. Tal fato nos dá uma pista sobre como se configura a produção científica sobre fotojornalismo no País, uma vez que dos nove artigos usados como base para este trabalho, três são assinados por pesquisadoras mulheres e seis por pesquisadores homens, o que justifica o uso do termo “apenas” no texto.



Tabela 1: Fotojornalismo na Compós (2007-2012)

| Nº. | ANO | GT - TÍTULO | PROPONENTE(S) - INSTITUIÇÃO |
|-----|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| 1. | 2007 | Estudos de cinema, fotografia e audiovisual - Imagens literárias do fotojornalismo: símbolo complexo e construção de não- referentes para a notícia | Celso Luiz Figueiredo Bodstein - PUC-Campinas |
| 2. | 2008 | Estéticas da comunicação - Do instante ao estado de coisas: formas da estabilidade no discurso visual do fotojornalismo | Benjamim Picado - UFBA |
| 3. | 2009 | Comunicação e cultura - A polarização oriente-ocidente no fotojornalismo pós-11 de setembro: a sedimentação de estereótipos do muçulmano como texto cultural | Alberto Klein - UEL |
| 4. | | Estudos de jornalismo - Atos de fingir ou o caráter ficcional no fotojornalismo brasileiro | Françoise Imbroisi - PUC-Minas |
| 5. | | Estudos de cinema, fotografia e audiovisual - Por uma fotografia menor no fotojornalismo diário contemporâneo | Sandra M. L. P. Gonçalves Gonçalves - UFRGS |
| 6. | 2011 | Comunicação e sociabilidade - A qualquer do povo, um flagrante delito: modos de ver e ser visto no fotojornalismo | Angie Biondi - UFMG |
| 7. | | Estudos de jornalismo - Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência | José Afonso da Silva Junior - UFPE |
| 8. | | Comunicação e experiência estética - Sentido visual e vetores de imersão: três regimes plásticos da implicação do espectador nas formas visuais do fotojornalismo | Benjamim Picado - UFF |
| 9. | 2012 | Estudos de cinema, fotografia e audiovisual - Vídeo-fotojornalismo: hibridismo na imagem jornalística | Marcelo Barbalho - UFRJ |

FONTE: AZOUBEL, 2015.

Entre os autores, houve apenas uma ocorrência de trabalhos assinados pelo mesmo pesquisador: Benjamim Picado, sendo um de 2008 e outro de 2011. Optamos pelo descarte do trabalho mais antigo. Da mesma forma, citamos aqui os nomes dos pesquisadores conforme consta nos artigos científicos analisados e não na base de dados digital da Compós.

A seguir, elencamos as principais ponderações sobre fotojornalismo encontradas nos trabalhos analisados, bem como a discussão sobre o alargamento reflexivo do tema.

2. DO QUE FALAMOS?



O primeiro ponto a ser discutido com base no material analisado, e talvez o mais relevante, diz respeito ao caráter testemunhal atribuído à fotografia. Quando se trata de fotografia jornalística essa é justamente a base sobre a qual se assenta a importância da imagem como recurso informativo, testemunhal. Mas, cumpre perguntar, será mesmo a fotografia o recurso com o qual poderíamos condenar ou absolver quem quer que seja do que quer que seja?

Sabe-se, atualmente, da relevante quantidade de recursos técnicos para edição/criação/manipulação de imagens fotográficas. Assim, parece justo não atribuir à fotografia tamanha responsabilidade no que diz respeito à comprovação de fatos. Ocorre, porém, que nem sempre foi assim. A massificação de recursos disponíveis em dispositivos técnicos⁵ dos mais variados tipos, tamanhos e formatos (dos celulares aos *tablets*) ganhou força com o surgimento de tecnologias digitais como os *smartphones* e computadores portáteis. Logo, não parece difícil imaginar o quanto a fotografia revolucionou a vida em sociedade quando do seu surgimento.

Mais “fiel” ao mundo “real”⁶, a fotografia foi, aos poucos, ganhando o status nunca outrora atribuído à pintura: o de espelho da realidade. Daí o fato de ter sido aceita tão bem no jornalismo impresso – e, posteriormente, no digital, como veremos adiante. Afinal, como pontua a professora e pesquisadora Françoise Imbroisi⁷, em *Atos de fingir ou o caráter ficcional no fotojornalismo brasileiro*⁸ – texto datado de 2009 –, ao citar Jorge Pedro Sousa (2002)⁹:

⁵ Neste ponto, sugerimos a leitura de RODRIGUES, Adriano Duarte, **As Técnicas da Comunicação e da Informação**. Lisboa, Presença, 2000. para maior aprofundamento da questão. Nele, o autor faz considerações importantes sobre como a tecnologia tem modificado as relações do homem consigo mesmo e com a sociedade.

⁶ Longe de discutir o conceito de real/realidade, tomamos a liberdade de citar a definição estabelecida por Imbroisi no estudo por ele empreendido, que toma como base a obra de Charles Sanders Peirce no sentido de que “a realidade consiste nisso: que o inquérito humano – observações e raciocínio – tende na direção da resolução de disputas e acordos finais em conclusões definitivas independentes dos pontos de vista iniciais dos diferentes” (IMBROISI, 2009, p. 2).

Em Bodstein, por outro lado, a ideia de real/realidade está ancorada em Schopenhauer, conforme transcrição da nota original: “‘A essência dos objetos intuitivos é a sua ação; é precisamente na ação que consiste a realidade do objeto, a pretensão de uma existência do objeto fora da representação do sujeito e mesmo de uma essência de coisa real diferente de sua ação não tem sentido, pelo contrário, é uma contradição’ (1995). Portanto, tomo também por realidade não um simples objeto do conhecimento, “mas um modo de ser que se revela melhor para outras formas de experiência”, no que deposita um senso instrumental de moralidade necessária ao fotojornalista em seu ofício de construir o real para viabilizá-lo para o social” (BODSTEIN, 2008, p. 8).

⁷ Nota original: Mestre pelo programa de Mestrado em Comunicação Social, Interações Midiáticas. Linha de pesquisa Linguagem e Mediação Sociotécnica, PUC Minas/2009. e-mail: franssou66@gmail.com

⁸ Nota original: Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estudos de Jornalismo”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

⁹ Para o autor, citado por Imbroisi, “o fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e opinião sobre a vida humana e as consequências que ela trás ao Planeta. A



Em meados do séc. XX, a fotografia de imprensa marca mudanças conceituais e estrutura-se como uma atividade comprometida como forma de registro imagético das realidades sócio-econômicas e políticas, o que garante a credibilidade da imprensa, visto que passa a ser entendida como uma prova testemunhal dos fatos (IMBROISI, 2009, p. 1).

Nessa direção, a professora e pesquisadora Sandra M. L. P. Gonçalves¹⁰, em *Por uma fotografia menor no jornalismo diário contemporâneo*¹¹ – texto datado de 2009 –, explica, recorrendo a Barthes, que a fotografia jornalística busca representar intencionalmente a realidade por meio de recortes escolhidos e orientados em dois sistemas: o textual e o fotográfico, que se inter-relacionam para compartilhar mensagens (GONÇALVES, 2009, p. 2).

Depreende-se, assim, que a interação entre imagem e texto dá espaço a essa “sensação” de realidade atribuída ao que é veiculado. Barthes, citado por Imbroisi, ratifica tal percepção no sentido de encarar a fotografia jornalística como estrutura contínua e não isolada. Nessa direção, a própria intervenção do homem no que tange à realização de imagens técnicas rompe com a ideia de objetividade que se pode projetar sobre as mesmas (IMBROISI, 2009, p. 4).

Ora, pois, vejamos, o recorte, a abordagem e o enfoque do que é noticiado, as escolhas operadas pelos profissionais da notícia vão diretamente contra a pretensa função do fotojornalista de tentar registrar os fatos com imparcialidade e objetividade sem, porém, interferir nos fatos como eles se apresentam (IMBROISI, 2009, p. 2).

Como na obra de René Magritte, “isso não é um cachimbo”, mas a representação dele. Ocorre, entretanto que pela sua natureza técnica, toma-se a ilusão como verdade na fotografia dada a proximidade com que representação e objeto representado se apresentam.

Para o professor e pesquisador Celso Luiz Figueiredo Bodstein¹², em *Imagens literárias do fotojornalismo: símbolo complexo e construção de não-referentes para a*

fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá Informação e ajuda credibilizar a informação textual” (SOUSA, 2002, p. 5).

¹⁰ Nota original: Professora Adjunta, área fotografia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrado e Doutorado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fotodocumentarista Social. sandrapgon@terra.com.br

¹¹ Nota original: Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Fotografia, Cinema e Vídeo”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

¹² Nota original: Doutor em Mídias pela Unicamp. Professor de Jornalismo na Puc-Campinas. Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e Segmentação Editorial na Universidade. bodstein@iar.unicamp.br



notícia – texto datado de 2007 –, isso acontece diante da necessidade de se extrair das fotografias dispostas em veículos jornalísticos a factualidade do referente como base para a revelação do desenrolar dos fatos, “presentificando-o, como referendo midiático, nas condições da imagem técnica aprimorada, ou na estetização de seu outro icônico” (BODSTEIN, 2007, p. 2).

Mais profundamente, o professor e pesquisador Alberto Klein¹³, em *A polarização oriente-ocidente no fotojornalismo pós-11 de setembro: a sedimentação de estereótipos do muçulmano como texto cultural*¹⁴ – texto datado de 2009 –, pressupõe que a fotografia é capaz de atuar, em determinados contextos, com a mesma força de textos verbais escritos oriundos das esferas política, religiosa, cultural ideológica, imaginária etc., especialmente quando considerada a relação entre imagem e texto (KLEIN, 2009, p. 3).

Apesar disso, não se pode tomar a fotografia como instrumento de convencimento puro e simples, dotado de poderes capazes de anular as escolhas dos leitores de notícias. Ao contrário, mesmo que sirvam aos interesses editoriais das publicações nas quais estão dispostas, as fotografias funcionam muito mais como elementos de provocação. Isso acontece justamente porque as individualidades e subjetividades que atravessam a produção e circulação das fotos, especialmente as jornalísticas, confrontam as individualidades e subjetividades do público. Para Imbroisi, apoiada em Barthes, tais subjetividades são construídas tendo as experiências individuais como alicerces. Assim, as vivências do ser humano, sua experiência no seio social; cultura; espaço e tempo são apenas alguns dos pilares sobre os quais se constrói o olhar do autor de imagens técnicas (IMBROISI, 2009, p. 3).

Deve-se levar em conta que o fotojornalismo atual demonstra o compromisso com a verdade, mas potencializa-se a interferência do autor, do homem, com apropriação de signos do referente que fazem parte de opções próprias, a percepção particular de quem opera o aparelho. Na trilha de Flusser (1998, p. 35) que acredita na imagem técnica como aquela produzida por aparelhos, sendo que “[...] o que vemos ao contemplar as imagens técnicas não é o mundo, mas determinados conceitos relativos ao mundo.” Desde as próprias limitações do aparelho até a compreensão de que o manuseio da máquina é realizado pelo homem, que interfere de maneira subjetiva no processo de produção, também, o fotojornalismo informa por meio de simulação de órgãos, de elementos, de sentidos que recorrem a

¹³ Nota original: Universidade Estadual de Londrina – PR, email: klein@uel.br

¹⁴ Nota original: Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Cultura”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.



teorias e servem a interesses ocultos que são do próprio homem, da sociedade, e dos contextos espaciais e temporais (Flusser, 1998) (IMBROISI, 2009, p. 5).

Tendo-se em vista que a fotografia advém da intencionalidade e individualidade de quem a realiza – e mesmo que o alcance do real seja objetivado –, é do repertório do fotógrafo que se parte quando são efetivadas as escolhas sobre como representar o mundo: que recortes operar, o que contemplar, como registrar etc.. Na mesma direção, os olhares e intervenções dos demais sujeitos envolvidos no processo de produção e de circulação das imagens técnicas, particularmente em plataformas jornalísticas, também vão reverberar na forma como elas são construídas. Igualmente, a própria subjetividade do leitor quando diante de tais representações tende a confirmar a pluralidade fotográfica enquanto característica de continuidade das mensagens veiculadas visualmente.

Neste ponto, cumpre estabelecer o impacto das fotografias dispostas em veículos jornalísticos como algo variável. Afinal, não se pode esperar que registros diversos alcancem o leitor da mesma forma e com a mesma força. Embora se possa crer que todas as fotos ali dispostas façam parte da prática fotojornalística, são os registros da cena “como ela acontece” que trazem o mundo ao leitor, permitindo a ele conhecer e alcançar realidades outrora distantes, mesmo que em recortes.

Para a professora e pesquisadora Angie Biondi¹⁵, em *A qualquer do povo, um flagrante delito: modos de ver e ser visto no fotojornalismo*¹⁶ – texto datado de 2011 –, mais dignas de credibilidade e de fiabilidade serão as imagens quanto mais elas sejam ancoradas na representação visual de situações de flagrantes ou de instantâneos cotidiano. Tal efeito é, reflexo das possibilidades de captação e de compartilhamento de imagens no mundo contemporâneo, fato que impacta diretamente na prática fotojornalística. É preciso problematizar a disposição das imagens fotográficas como ilustrações do texto para que se alcance as potencialidades de cada registro no que diz respeito ao relato dos fatos. Pois, “são estas imagens, junto a outras formas narrativas, que participam da constituição de certas noções comuns que se tem sobre justiça, medo,

¹⁵ Nota original: Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas UFMG. Pesquisadora GRIS – Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade. E-mail: angiebiondina@gmail.com

¹⁶ Nota original: Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011.



indignação, piedade que atravessam o imaginário e vão constituindo relações de sociabilidade” (BIONDI, 2011, p. 3).

Por outro lado, o professor e pesquisador Benjamim Picado¹⁷, em *Sentido visual e vetores de imersão: três regimes plásticos da implicação do espectador nas formas visuais do fotojornalismo*¹⁸ – texto datado de 2011 –, explica que mesmo que se retire dos registros visuais a espontaneidade com a qual os fatos se desenrolaram, o valor comunicacional das fotografias não se perde em eficácia dado o apelo emotivo e sensorial que trazem em si mesmas (PICADO, 2011, p. 5).

Para ele, entretanto, as imagens criadas sob a égide do instantâneo fortalecem certos padrões de representação (PICADO, 2011, p. 7). É justamente essa representação que indica o desafio do fotojornalismo contemporâneo. O registro do fato já não cabe como informação adicional ou representação visual da notícia. Ao contrário, é a fotografia o principal critério de notícia, constituindo e intensificando, assim, o campo de visibilidade dos fatos de maneira a transportar o leitor ao local no qual eles se desenrolam.

A plasticidade e a estética de cada imagem funcionam como catalizadores dos olhares do público que, por meio da leitura do que é publicado, torna-se participante da cena e do acontecimento em sua configuração, mesmo que do outro lado do quadro e, portanto, seguro. “São imagens que se colocam como produtos de um flagrante oferecido pela ordem de um ‘como se’; como se estivéssemos presente, participando, acontecendo junto com” (BIONDI, 2011, p. 2).

Dessa forma, e por constituir um espaço de experimentações de individualidades e de subjetividades, o campo fotojornalístico compreende um conjunto de práticas que prescindem de renovação e de atualização na busca constante pelos valores de verdade e de fiabilidade.

A modificação da relação do homem contemporâneo com a tecnologia é, neste ponto, fator fundamental para o que denominamos “reinvenção fotojornalística”. Partindo dele, Klein explica que “a construção de sentido através da fotografia não pode ser considerada isoladamente à reflexão do lugar assumido pela imagem técnica como forma de mediação dominante na comunicação contemporânea” (KLEIN, 2009, p. 3).

¹⁷ Nota original: Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Doutor em Comunicação e Semiótica, jbpicado@hotmail.com

¹⁸ Nota original: Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011.



O aprimoramento e a popularização dos dispositivos capazes de captar imagens são bases para a configuração de uma cultura do visível, na qual antigas e novas formas de registrar o mundo interagem em um universo de imagens técnicas, que potencializa os processos de persuasão mediados pelo jornalismo e, conseqüentemente, pelo fotojornalismo.

Dessa maneiras, fotografias configuram codificações ideológicas e arbitrarias, interpretações transformadoras do real (GONÇALVES, 2009, p. 5). Argumento reforçado pelo professor e pesquisador José Afonso da Silva Junior¹⁹, em *Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência*²⁰ – texto datado de 2011.

Entendemos que é preciso ir além da interpretação do fotojornalismo como estático para tentar encarar-lo como percurso cuja função matriz é a representação do mundo por imagens vinculadas às notícias. Em um contexto de alargamento do acesso e uso de dispositivos técnicos, as estruturas sobre as quais as relações sociais têm se configurado contribuem para o diálogo e adaptação constantes do fotojornalismo em momentos de mudança.

Seguindo essa linha de raciocínio, repensar a prática profissional é adaptar-se às mudanças do mundo e, particularmente, do mercado. Para atender às demandas sociais, se faz necessário estar à frente das reais necessidades do público, antecipando questões e elaborando opções capazes de acompanhar a atual visibilidade da vida cotidiana.

Sobre o assunto, retomamos a questão da pretensa objetividade fotográfica – fundamental ao seu uso pelo jornalismo – para argumentar que o aperfeiçoamento das tecnologias, especialmente pelas características que acumulam, desfazem a aceitação plena de outrora acerca da imagem fotográfica como prova objetiva dos fatos uma vez que torna possível a (re)construção da imagem enquanto produto informacional.

Essa reconstrução projeta no fotojornalismo a responsabilidade de alavancar a venda de jornais com a retratação de cenários espetaculares, imagens que revelem o antes desconhecido ao leitor. Isso porque o mundo se vê transformado em peças de consumo pueril e em objetos de apreciação estética veiculados nas páginas de cada publicação. Da mesma forma, a denominada “eficiência” de cada imagem já não pode

¹⁹ Nota original: Professor/ pesquisador Adjunto PPGCOM-UFPE. email: zeafonsojr@gmail.com

²⁰ Nota original: Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “estudos de jornalismo”, do XX Encontro Nacional da Compós na UFRGS, Porto Alegre, RS, em junho de 2011.



ser determinada apenas pelo seu conteúdo, mas também pelo tempo decorrente entre a sua produção e veiculação.

É nessa perspectiva que a internet torna possível a vivência do desejo de acompanhar em tempo real o que acontece mundo afora. Uma espécie de repetição visual toma forma, as fotografias com apelo visual chocante assumem o papel de captar a atenção do público para a informação que está sendo veiculada (vendida).

Na mesma direção, e diante do alargamento do acesso às tecnologias de registro imagético, o surgimento do “fotójornalismo cidadão”²¹ desemboca na modificação das práticas profissionais ao “transformar” em foto-repórter qualquer sujeito com um dispositivo técnico capaz de registrar imagens. Nesse cenário, cabe, portanto, aos profissionais muito mais o olhar conceitual sobre o acontecimento, uma espécie de interpretação visual dos fatos; e aos “passantes” (testemunhas ocasionais) o registro de imagens de impacto, flagrantes etc. (GONÇALVES, 2009, p. 7-8).

Sobre o assunto o professor e pesquisador Marcelo Barbalho²², em *Vídeo-fotójornalismo: hibridismo na imagem jornalística*²³ – texto datado de 2012 –, indica que é em função das evoluções tecnológicas – que desembocam no lançamento de dispositivos técnicos cada vez mais compactos em tamanho e capacidade, de *softwares* de edição mais poderosos; e nas ampliações de acesso ao mundo virtual – que novas formas de produzir, circular e consumir imagens técnicas são possíveis. Trata-se, segundo ele, de uma forma de aperfeiçoamento das antigas estruturas que impactam diretamente nos fundamentos do universo fotográfico (BARBALHO, 2012, p. 3).

Para o autor, recorrendo às palavras de André Roullé, “desde a década de [19]70 vive-se um processo constante de aperfeiçoamento do dispositivo fotográfico, acompanhado de um declínio regular do valor documental das imagens [...]” (BARBALHO, 2012, p. 3). Tal questão interfere nas formas pelas quais o relato visual das notícias se dá. Aliás, é esse o ponto de tensão no qual se assentam as discussões sobre as novas formas de fazer fotójornalismo. Registros únicos, momentos irrepetíveis do tempo congelados no quadro fotográfico, já não são suficientes para satisfazer as demandas do público que, sedento por “conhecer a verdade”, tende a buscá-la de

²¹ Nota original: Boni, Paulo César e Souza, Fabio. Fotójornalismo cidadão: a fotografia a serviço da cidadania in <http://www.studium.iar.unicamp.br/27/2/index>; acesso em 11 de agosto de 2008.

²² Nota original: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). marcelobarbalho@uol.com.br

²³ Nota original: Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estudos de cinema, fotografia e audiovisual”, do XXI Encontro da Compós, em Juiz de Fora (MG), em junho de 2012.



maneiras diversas na imensa maré de possibilidades comunicacionais (sejam elas jornalísticas ou não).

Sobre a questão, Silva Junior explica que, apesar nas mudanças já operadas no que tange ao uso de tecnologias fotográficas, no perfil dos profissionais – dos quais se demanda cada vez mais polivalência –, no caráter das publicações, no espaço reservado às fotografias, “as maiores mudanças, contudo, ocorrem na consolidação e aceitação da edição do material em formato multimídia; a produção para outras plataformas e meios de modo regular e a geração de externalidades no contexto do trabalho²⁴ (SILVA JUNIOR, 2011, p. 4).

Percebe-se, no fotojornalismo, a existência de diversas experiências nesse sentido. O jornal britânico *The Guardian*, edita e disponibiliza para a plataforma móvel do Ipad o produto e serviço *Eye Witness*, em parceria com a fabricante de produtos fotográficos Canon. Trata-se de um resumo das fotos mais impactantes do dia. A agência de notícias Reuters também desenvolveu um produto para Ipad onde disponibiliza o material que está sendo editado todos os dias nas mesas de edição de fotografia da agência. O serviço *Reuters Galleries* disponibiliza fotos e vídeos produzidos continuamente pela agência. No caso, dá continuidade a própria tradição presente nas estruturas das agências em separar conteúdo de plataforma através da formatação de serviços, conceito de trabalho que elas operam há mais de 100 anos (SILVA JUNIOR, 2006, 94). Outros exemplos pode ser citados. O jornal brasileiro *O Globo* e o norte americano, *The New York Times* também já desenvolveram produtos para o Ipad e outras plataformas móveis (SILVA JUNIOR, 2011, p. 9).

Assim, se faz necessário estabelecer que a simples transposição do conteúdo impresso para o ambiente virtual não é o suficiente para romper com a lógica produtiva tradicional do fotojornalismo. Ao contrário, avançar é inovar e, ao mesmo tempo, romper com as práticas de outrora em um processo que se configura histórica e ciclicamente.

A questão dessa adaptação (reconfiguração) envolve uma mudança de postura já desde antes o “click”. Não basta colocar nas mãos de um foto-repórter um equipamento capaz de registrar o mundo de maneiras diferentes das quais ele está familiarizado, é preciso aperfeiçoá-lo enquanto profissional capaz de produzir conteúdos visuais que transitem por diferentes plataformas. Pois, “os aspectos culturais e tecnológicos de uma produção em multiplataforma, pressupõe um conjunto diversificado de códigos e

²⁴ Nota original: O conceito de externalidade tem sua origem nas ciências econômicas e designam os efeitos sobre o exterior, ou seja, são atividades que envolvem a imposição de resultantes que têm efeitos não previstos inicialmente nos projetos. Ao utilizarmos no contexto deste trabalho, nos referimos a resultantes ou arranjos derivados de um contexto midiático ou cadeia produtiva.



formas, por vezes isolados e distanciados do conjunto de experiências que originou determinado projeto fotográfico” (SILVA JUNIOR, 2011, p. 12).

A esse conjunto Barbalho aproxima a ideia de uma simbiose comunicativa, na qual é possível trabalhar de maneiras diversas os gêneros presentes no fotojornalismo tradicional, como o retrato e o *hard news*. Além disso, tal simbiose promove a retomada de gêneros “extintos” e a gênese de novos gêneros, como o ensaio fotográfico e o web-documentário respectivamente (BARBALHO, 2012, p. 2).

Ao indicar a corrente prática de disponibilizar conteúdos que condensem imagens técnicas estáticas e em movimento (fotografias e vídeos) por jornais tradicionais em suas edições digitais, Barbalho chama a atenção para o fato de que tal conteúdo ainda não gera rentabilidade aos veículos.

Nesse ponto, cumpre retomar a obra de Walter Benjamin, citado por Barbalho, no sentido de que “o próprio procedimento técnico levava o modelo a viver não ao sabor do instante, mas dentro dele; durante a longa duração da pose, eles por assim dizer cresciam dentro da imagem [...]” (BARBALHO, 2012, p. 7). Apesar de se referir às imagens de autores como David Octavius Hill, produzidas na primeira metade do século XIX, o argumento de Benjamin ajuda a compreender, ao menos em partes, o momento atual do fotojornalismo, no qual “modelo” e fotógrafo podem, em alguns casos, serem papéis representados pelo mesmo sujeito.

Vejam os casos em que, testemunhas e partícipes dos acontecimentos, as pessoas não só registram os fatos, mas os fazem circular socialmente, seja por meio da venda de materiais aos veículos de comunicação (impressa e/ou digital) ou por meio de suas páginas pessoais nas chamadas redes sociais. Seria essa segunda possibilidade, então, o futuro do fotojornalismo, aqui classificado como cidadão?

Sobre a questão, retomamos as palavras de Gonçalves no sentido de que, se não para classificá-la com fotojornalismo, ao menos perceber tal prática como discursiva²⁵. Pois, ““um determinado enunciador é assim constituído pela configuração de modalidades enunciativas e posições de sujeito garantidas pelas regras recorrentes de um determinado discurso”, no caso o fotojornalístico” (SOARES, 2006, p. 130 *apud* GONÇALVES, 2009, p. 3). Sendo que, atualmente, as “regras do jogo” fazem

²⁵ Foucault define as práticas discursivas como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram numa determinada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa” (2008, p. 133) (GONÇALVES, 2009, p. 3).



referência, justamente, à circulação contínua e simultânea – em diversos fluxos e por diversas plataformas – da representação dos fatos por meio de imagens técnicas, muitas vezes, quando da sua configuração, tornando-os reais e táteis. Trata-se do que Júlio Pinto, citado por Imbroisi, classifica como mimese: processo pelo qual uma estrutura é apresentada como sendo outra, sendo essa segunda classificada, geralmente, como realidade.

Saliente-se que a compreensão sobre a mimese no fotojornalismo percorre o corpus de fotografias de notícias. Ou seja, no fotojornalismo diário, a superfície fotográfica substitui o referente, a imagem se coloca no lugar dos fatos como se fossem os próprios acontecimentos em determinado tempo e espaço. O pacto de leitura que se estabelece é a compreensão de que a fotografia de notícia demonstra realidades (IMBROISI, 2009, p. 3).

No que tange à verdade factual do que é retratado, voltamos ao ponto de partida, uma vez que a realidade ganha contornos quando da simbiose entre os predicados – individualidades e subjetividades de seus autores – que atravessam o processo de produção de cada imagem fotográfica jornalística e o olhar de quem a consome, em uma lógica cíclica, um jogo de interpretações de “certezas” visualmente palpáveis.

CONCLUSÃO

Revisando o material coletado, e ao analisar os artigos científicos apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação e disponíveis na base de dados do sítio da Compós do ano 2000 em diante, percebemos inúmeras possibilidades de discussões a serem empreendidas/aprofundadas sobre o fotojornalismo. Da sua conceituação à problematização das suas práticas, os pesquisadores têm contemplado em suas discussões pontos de vista diferenciados, ancorados em obras de autores que mesclam argumentos técnicos, teóricos e reflexivos sobre o tema.

Começamos com a seleção do que seria analisado para, em seguida, detalhar o percurso metodológico de cada pesquisador no que tange à reflexão sobre fotojornalismo. Como esperado, descobrimos pontos de tensão e de convergência que foram descritos no texto acima. Entendemos que a prática fotojornalística tem sido ampliada no que toca ao uso das plataformas nas quais se insere. Em partes, isso acontece diante do avanço tecnológico dos dispositivos técnicos, ao passo que a própria reconfiguração das relações sociais (cada vez mais mediadas pelas tecnologias) também contribui para tal movimento de “alargamento” fotojornalístico.



Sobre as dificuldades encontradas, essas dizem respeito à categorização da pluralidade de olhares sobre fotojornalismo, pois o número de referências usadas em cada artigo científico acabou por demandar tempo considerável para análise do *corpus* deste estudo.

Notamos não haver um consenso acerca do que seria, de fato, o fotojornalismo. Apesar disso, as indicações feitas ao longo dos textos apreciados nos permitem inferir que se trata do registro e da veiculação de imagens técnicas – tradicionalmente estáticas e, contemporaneamente, também em movimento – por veículos jornalísticos em suas publicações, sejam elas impressas ou digitais. O uso de dispositivos técnicos próprios à prática fotográfica (câmeras fotográficas, profissionais ou não) já não delimita, entretanto, o que deve e o que não deve, na definição que aqui tentamos condensar, ser considerado como próprio da prática fotojornalística.

Nessa perspectiva, e se considerarmos o caráter de relato dos fatos pelas imagens veiculadas, a noção de fotojornalismo é expandida para além das páginas dos jornais, revistas, sítios e portais. Dos perfis pessoais dos sujeitos nas redes sociais às mensagens trocadas por intermédio dos *smartphones*, por exemplo, teríamos, então, um novo universo a ser explorado quando da reflexão sobre o fotojornalismo. Mas isso é assunto para outra pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Marcelo. **Video-fotojornalismo: hibridismo na imagem jornalística**. 2012. Disponível em: < http://compos.org.br/data/biblioteca_1891.doc >. Acesso em 19 mar. 2015.

BIONDI, Angie. **A qualquer do povo, um flagrante delito: modos de ver e ser visto no fotojornalismo**. 2011. Disponível em: < http://compos.org.br/data/biblioteca_1623.doc >. Acesso em 19 mar. 2015.

BODSTEIN, Celso Luiz Figueiredo. **Imagens literárias do fotojornalismo: símbolo complexo e construção de não-referentes para a notícia**. 2007. Disponível em: < http://compos.org.br/data/biblioteca_252.pdf >. Acesso em 19 mar. 2015.

GONÇALVES, Sandra M. L. P.. **Por uma fotografia menor no jornalismo diário contemporâneo**. 2009. Disponível em: < http://compos.org.br/data/biblioteca_1143.pdf >. Acesso em 19 mar. 2015.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> >. Acesso em 19 mar. 2015.

IMBROISI, Françoise. **Atos de fingir ou o caráter ficcional no fotojornalismo brasileiro**. 2009. Disponível em: < http://compos.org.br/data/biblioteca_1127.pdf >. Acesso em 19 mar. 2015.



KLEIN, Alberto. **A polarização oriente-ocidente no fotojornalismo pós-11 de setembro**: a sedimentação de estereótipos do muçulmano como texto cultural. 2009. Disponível em: < http://compos.org.br/data/biblioteca_1057.pdf >. Acesso em 19 mar. 2015.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

PICADO, Benjamim. **Sentido visual e vetores de imersão**: três regimes plásticos da implicação do espectador nas formas visuais do fotojornalismo. 2011. Disponível em: < http://compos.org.br/data/biblioteca_1609.doc >. Acesso em 19 mar. 2015.

_____. **Do instante ao estado de coisas**: formas da estabilidade no discurso visual do fotojornalismo. Disponível em: < http://compos.org.br/data/biblioteca_361.pdf >. Acesso em 19 mar. 2015.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. **Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência**. 2011. Disponível em: < http://compos.org.br/data/biblioteca_1675.doc >. Acesso em 19 mar. 2015.